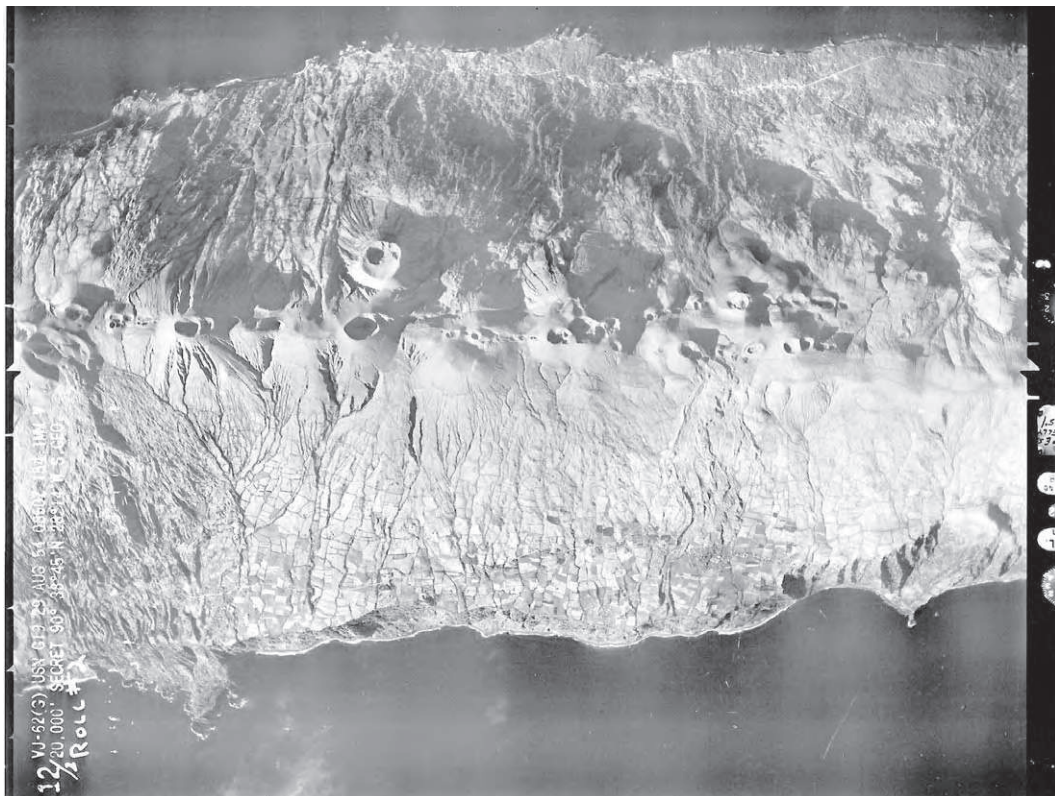


Reflexões sobre algumas catástrofes naturais nos Açores: os sismos de 1755 e 1757...



Fotografia aérea de São Jorge (década de 1950). A antiguidade e o facto de ser uma fotografia a preto e branco, realçam de forma bem intensa as cicatrizes que deram origem à ilha (col. particular).



Sérgio Rezendes

Como adepto de fotografia aérea, em especial a preto e branco, tornava-se obrigatório abordar uma das vertentes mais intrínsecas à génese do açoriano: a sismologia e a vulcanologia.

A beleza da fotografia aérea reside no facto de se tornarem claramente evidentes as cicatrizes de fundo do mar “rachado”, ao longo de todo o nosso planeta. Enquanto historiador e interessado nas manifestações humanas geradas a partir deste facto geológico (leia-se património material e imaterial), e possuidor já de alguma experiência nestas manifestações, sempre incertas e aterradoras, desde cedo pensei em partilhar com os leitores do *Correio dos Açores* alguns dos eventos mais pavorosos que por estas terras se conheceu. Enquanto docente, trabalhá-los com os alunos será promover a multidisciplinaridade das grandes matérias, que por sua vez se ramificam: junta-se à Geografia a História, as Ciências da Natureza e mesmo a Língua Portuguesa, ainda que antiga, para promover o vulcanismo, a geologia, a sismologia, o património, a paleografia e até mesmo a religião, entre inúmeros outros exemplos. Deste modo, resultam trabalhos científicos e interessantes, realizados com a colaboração de alunos do Colégio do Castanheiro.

Sobre o tema em análise, não tenho como

propósito trazer nada de novo, até mesmo porque se trata de uma área do Saber que pouco domino. Contudo, seguindo a linha que me conduz nestes artigos do *Correio dos Açores*, a ideia será promover a nossa História e o nosso Património junto de todos aqueles que se dignam a lê-los, orientando para uma cidadania construtiva os mais novos. Ler é saber mais, já diz o ditado antigo, num século XXI que se espera nos Açores rico em Ecologia e Turismo. Desta forma, serão desenvolvidos dois incidentes relatados no Arquivo dos Açores que, pela sua amplitude e consequências, são dignos de destaque: o grande sismo de São Jorge de 1757 e o impacto do grande terramoto de Lisboa nos Açores, em 1755.

Em entrevista ao Professor A. Trota, da Universidade dos Açores, as alunas Carlota Leal, Madalena Lemos e Simone Simas da turma 3 do quinto ano ficaram a saber que uma erupção submarina “é uma erupção que ocorre em ambiente submarino” quando a água do mar entra em contacto com o magma (mistura de gases, líquidos e minerais) proveniente do manto ou diretamente das câmaras magmáticas, que ascende ao fundo do mar, vencendo a pressão das rochas. A partir do momento em que a erupção passa a ambiente aéreo, os materiais que são expelidos do vulcão podem dar origem a uma ilha, como por exemplo a desaparecida ilha de Sabrina, formada ao largo dos Ginetes em 1811. Em conjunto com estes fenómenos, ou pela oscilação das placas tectónicas, surgem os sismos.

A actividade vulcânica e a ocorrência de terremotos foram, desde o povoamento, fenómenos que os açorianos, ao longo de cerca de cinco séculos, observaram e sentiram, sen-

do os relatos transmitidos ao longo do tempo na forma escrita e oral. Ambos os fenómenos naturais são observados aquando da descoberta das ilhas, repetindo-se ao longo dos séculos. Torna-se interessante, pois, saber qual o impacto que estes fenómenos naturais tiveram junto da geografia humana das ilhas e relebrá-los para o Futuro, não fosse esse um dos grandes objectivos da História: não deixar esquecer e preparar as jovens gerações, de modo a evitar os mesmos erros na sua prevenção/reação ocorridos no Passado. Falar deste assunto no século XVIII, será falar de um século que ficaria conhecido na História de Portugal devido ao grande terramoto de Lisboa, em 1755. Contudo, facilmente se torna perceptível, como A. Trota referiu às três alunas do Colégio do Castanheiro, o “medo, o terror, o misto de veneração e desconhecimento” que, por sua vez, originariam explicações divinas (tipicamente medievais, no chamado século das luzes) culminando em procissões, na veneração de imagens e romarias, entre outros exemplos. Maior impacto teria ainda quando volvidos quase dois anos, novo terramoto se faz sentir com o impacto que iremos analisar. Chegamos pois à génese do açoriano, temente a Deus mas hábil no contacto com a terra.

No caso específico do terramoto de 1 de Novembro de 1755 (Dia de Finados), irei abordar cinco ilhas: São Miguel; Terceira, Faial, Flores e Corvo. Em cada caso é referido (por diferentes fontes históricas) “ter saído o mar do seu curso natural, retrocedendo, deixando o fundo a descoberto em distância de mais de cem braças (cerca de 220 metros) no caso das ilhas das Flores e Corvo, a que se seguiu um

maremoto que entrou por terra dentro com a mesma distância. Ficaria na memória dos povos pelo grande abalo, novamente evocado pelo sismo de 1799”.

Na ilha Terceira, na matriz da Praia (da Vitória), ao momento em que ocorria o sismo em Lisboa, rezava-se a missa. Ficaria registado o seguinte: “estando o mar em ordinária tranquilidade, se elevou tanto em três contínuas marés ficando quase seca a profundidade por largo espaço e nunca visto de pessoas de maior idade. E com estas três elevações insólitas entrou pelo porto desta vila, inundou a lagoa dela, chamada o Paul da Praia e todo o seu areal, desde o dito porto até ao lugar da Ribeira Seca, demolindo 15 casas (...) e entre elas a ermida do Apóstolo S. Tiago, sito no lugar do Porto Martins...”³³. Contudo, a destruição não ficaria por aí. Vejamos o caso de Angra: “entrou até à praça chamada dos Cosmes – praça velha – ficando os navios boiando em seco por se retirarem as águas (...) e no refluxo levou o mar as muralhas da alfândega, muitas madeiras (...) assim como todos os barcos varados no Porto de Pipas”³⁴. Em Porto Judeu, a maior das ondas gigantes ultrapassaria mesmo a pedra mais alta numa altura de 2.20 metros. Nas áreas rurais, mais baixas, o mar entrou por terras de cultivo e vinhas, derrubando muros (que não seriam recuperados de volta à sua forma original) e estragando as terras de tal forma que se passaram anos até que atingissem novamente os mesmos índices de produtividade. Na Praia houve, pelo menos cinco mortos, três dos quais uma mãe e dois filhos levados pelo mar do interior da sua casa. Relatos referem pelo menos mais um morto e muitas embarcações levadas (ou deixadas em terra) pelo mar. Em Angra, até se viram as âncoras dos barcos no fundo do mar. Contudo, as consequências seriam muito mais vastas: casas foram levadas pelo mar; estradas desapareceram; verificaram-se derrocadas um pouco por toda a parte; fortalezas destruídas (o caso da ilha de São Jorge é exemplar neste sentido, colocando em causa a capacidade de defender as populações), entre outros aspectos. Contudo, como F. Drummond afirma nos Anais da ilha Terceira, houve pouco cuidado em fazer passar à posterioridade os seus efeitos, uma vez que o número de vítimas deverá ter sido muito maior.

Na ilha do Faial, os efeitos foram similares: o mar sereno alterar-se-ia, criando três enormes ondas e fazendo baixar tanto o nível do mar que os navios fracamente tocaram com as quilhas no fundo. A água chegou até junto dos moinhos de água da Ribeira da Conceição, com a altura de 8 palmos (1,76 m). No regresso da água ao leito do oceano, vários barcos e um bergantim foram levados, não havendo contudo mortes a registar. Da mesma forma, ficaria arrolada em Ponta Delgada a existência de tremores de terra, seguindo-se um maremoto que inundaria várias ruas da urbe, arruinando muitos edifícios.

O sismo apenas foi perceptível pela população do grupo Oriental, e já não pelas do grupo Central e Ocidental, seguindo-se um *tsunami* que varreu as ilhas de Este a Oeste. A comprová-lo temos o seguinte testemunho: “em dia de Todos os Santos do ano de 1755, pelas 10 horas da manhã (...) aconteceu nesta ilha uma enchente e vasante de maré extraordinária, e cá nunca visto. (...) Ainda que neste lugar e nesta ilha (Terceira) não se sentiu o terramoto, foi a causa desta cheia um que no dia e hora houve na Corte e cidade de Lisboa...”³⁶.



A memória histórica de um povo implicar nunca esquecer, principalmente numa área de risco como a nossa. Desabamento de terras na Ribeira Quente, 31 de outubro de 1997 (foto: *Correio dos Açores*).

O maremoto foi constituído por três ondas gigantes e três calhas, atingindo-se o fundo da mesma quando os relatos afirmam terem os navios ficado presos no leito do oceano, ou no facto de se terem visto as suas âncoras. Apesar de alguns relatos referirem tranquilidade no oceano após o incidente, outros referem que a estabilidade das ondas apenas atingiu o seu natural ao longo da tarde. Para além de ser um fenómeno nunca visto pela população, a amplitude da sua destruição foi enorme para a época, uma vez que todas as terras baixas foram vítimas de devastação.

Menos de dois anos depois, dá-se um novo cataclismo que iria atingir várias ilhas dos Açores, com destaque especial para a ilha de São Jorge. Como não poderia deixar de ser, atribuído à ira divina, este sismo haveria de castigar a ilha numa noite de Sábado entre as badaladas das onze e as da meia noite, arruinando templos e casas da vila das Velas, contudo sem mortes a lamentar, graças à misericórdia divina. Já a mesma sorte não tiveram os moradores da vila da Calheta e do Topo, ficando a primeira completamente arrasada, inclusive todos os templos, sem exceção. No caso do Topo, apenas subsistiria em muito mau estado a ermida de N.ª Sr.ª da Ajuda. Outras fontes referem mesmo que a ilha aparentava partir-se ao meio pela sua parte mais estreita, tendo grandes porções de terra desabado para o mar. Frei Vicente Salgado explica que foram três grandes sismos, o maior na noite de Sábado e os restantes dois às dez e às dezasseis horas do dia de Domingo, sentidos igualmente com forte intensidade na cidade de Angra. O primeiro ficaria caracterizado por ser de "notável violência, em que pareceu subir a terra mais de três ou quatro palmos caindo logo, e caindo logo, principiou por elevação em um moto vibratório de Oeste para Leste, que a durar mais um instante não ficaria edifício algum em pé, sepultando-se todos nas ruínas"⁷.

Este primeiro sismo, com a duração de dois minutos, seria responsável pela morte de mil e cinquenta e três pessoas só naquela ilha, a que se poderão juntar mais onze na vizinha ilha do Pico. Por outra fonte ficaria escrito: "na Fajã dos Vimes e povoação que lhe ficava próxima, que ambas caíram correndo até ao mar, parecendo toda a gente que nas casas estava (...) logo no Domingo se acharam junto do adro da igreja cento e vinte e oito pessoas mortas entre as quais o vigário da freguesia e ouvidor assim como o cura. Foram estes os corpos que, por estarem mais fáceis se desenterraram, que depois se extraíram muitos outros corpos, ficando outros que se não puderam tirar..."⁸. Os relatos referem que existiam zonas que se revolveram de tal forma que deixaram de ter indícios de ocupação humana e que à distância de um pouco mais de cem braças (c. 200 metros), já na manhã de Domingo, se ergueram dezoito ilhotas, umas maiores que as outras, desligadas entre si e com a ilha, uma vez que "é navegável o mar entre as ditas e a ilha"⁹. Contudo, desabamentos de terra criaram vários baixios a poucos metros de terra ou mesmo novas pontas, como no caso do desabamento do monte Formoso. São mesmo relatadas situações em que pedaços da ilha se desprenderam, formando pequenos ilhéus, com as respectivas árvores, inclusive. Neste ponto será de transcrever o seguinte relato: "e, em um deles uma casa, cujo moradores não experimentaram na separação moléstia nenhuma, antes não a sentiram nem conheceram separada senão no dia seguinte"¹⁰. Sobre os restantes dois sismos, ficaria escrito que seguiram o mesmo padrão mas com menor intensidade. Montes despenharam-se; fendas com metros de largura abriram-se; novas pontas¹¹ e baixios criaram-se e novos caminhos desenvolveram-se, onde antes não era possível transitar, nomeadamente entre a antiga costa e o mar.

Seguiu-se novo maremoto, agora de oeste



Efeitos do sismo do Faial, a 9 de julho de 1998 (foto: *Correio dos Açores*).

para Leste, atingindo as ilhas do Triângulo, a Graciosa e a Terceira. São Miguel e Santa Maria apenas sentiriam o abalo de terra e as Flores e o Corvo acabaram por sair incólumes da catástrofe.

Obviamente que todas estas fontes históricas deverão ser alvo de crítica e contínua investigação em conjunto com outras áreas do Saber, sempre em busca de um melhor apuramento dos factos científicos, separando-se a superstição ou o exagero. Contudo, diferentes fontes, em diferentes épocas apontam, em alguns dos fenómenos observados, para efeitos similares por vezes confirmados pela moderna Vulcanologia. Sobre o desaparecimento destas ilhotas, o professor A. Trota esclarece: "o desaparecimento das ilhas formadas em ambiente marinho ou na proximidade das costas, nomeadamente a taxa de desaparecimento (erosão) depende, entre outros factores, da dimensão e a forma do empilhamento dos produtos depositados, tipo, grau de imbricamento/soldadura, da energia posta pela ação marinha e agentes atmosféricos, como a água e o vento"¹².

A ocorrência de *tsunamis* nos Açores, à escala humana, não são frequentes. No entanto, como atestam os efeitos dos *tsunamis* associados aos terramotos de 1775 e 1757, são fenómenos naturais que previsivelmente ocorrerão nos Açores, quer por ação de terramotos com origem no limite de placas da região Açores quer por sismos distantes. O terramoto de 1755 ficaria conhecido na História como um dos maiores e mais nefastos na História do Atlântico norte e o de 1757 como um dos mais infames da História dos Açores. Contudo, as suas lições mantêm-se perfeitamente atuais: há que ter cuidado na forma como se constrói, onde se constrói e nos acessos principais e alternativos a todas as localidades. Ainda hoje em dia é visível nas encostas das nossas estradas, casas "empoleiradas" nas encostas das monta-

nhas ou limitrofes a grandes barreiras de terreno, já para não falar das que ainda existem à beira das "barrocas do mar", termo antigo para designar a falésia à costa. Contudo, deverá ser o cidadão a ter em atenção estes aspectos, devidamente auxiliados tecnicamente pelo Estado, para evitar males maiores, uma vez que nunca na História dos Açores (ou de Portugal) se dependeu tanto do Estado. A função deste será a de resolver os problemas da Sociedade, mas o Estado não produz dinheiro: gere-o. Há que desenvolver uma mentalidade menos parasitária e mais consciente pela parte de cada cidadão, a começar pelo local onde se vive, porque a Terra, enquanto corpo celeste, não está parada, mas sim em constante modificação.

¹ Supico, José M., *Almanaque do arquipélago dos Açores para 1867*, p. 160.

² As diferentes fontes referem uma certa disparidade sobre a hora a que o evento varreu as nas ilhas. Em Lisboa, verificou-se cerca 9.30 ou 9.40 da manhã. Estas divergências nas leituras do tempo nos Açores, poderá querer demonstrar a falta de rigor na leitura com que era feito. Toma-se necessário não esquecer que o tempo era para a esmagadora maioria da população, controlado a partir dos sinos. Contudo, a discrepância de tempo pode também estar relacionada com a propagação da onda do epicentro do sismo para os Açores, como refere A. Trota.

³ Arquivo dos Açores, Vol. IV, p. 350.

⁴ *Ibidem*.

⁵ T. II, p. 262-266.

⁶ *Ibidem*, p. 352.

⁷ *Idem*, Vol. IV, p. 355.

⁸ *Ibidem*, p. 356.

⁹ *Ibidem*, p. 355.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Algumas com cerca de trezentos metros.

Por: Sérgio Rezendes
Carlota Leal/Madalena
Lemos/Simone Simas
Alunas do 5.º3 do Colégio do Castanheiro e
colaboração de António Neves Trota
(Universidade dos Açores)



É importante que a sociedade não esqueça, e dê o real valor a todos quantos trabalham no sentido de prognosticar futuros problemas, ou que se prepare para socorrer a população, como a Proteção Civil e o Exército Português. Faial, 9 de julho de 1998 (foto: *Correio dos Açores*).



Ribeira Quente, 31 de outubro de 1997 (foto: *Correio dos Açores*).